

PARA SOBREVIVER NO CAMPO ACADÊMICO-CIENTÍFICO FOI NECESSÁRIO (RE)APRENDER: PROCESSOS FORMATIVOS E EDUCATIVOS NO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFC CAMPUS CAMBORIÚ EM TEMPOS DE PANDEMIA

Francini Scheid Martins¹, Idorlene da Silva Hoepers^{1,2}, Alexandre Vanzuita^{1,2},
Marilândes Mól Ribeiro de Melo^{1,2}, Filomena Lúcia Gossler Rodrigues da Silva^{1,2},
Samyra Alessandra de Paula Corrêa¹

1. Instituto Federal Catarinense (IFC), Curso de Licenciatura em Pedagogia, Camboriú, Santa catarina, Brasil;
2. Instituto Federal Catarinense (IFC), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/IFC) Camboriú, Santa catarina, Brasil.

RESUMO

Este texto contempla um recorte do Projeto de Pesquisa “Processos Formativos e Educativos nos Cursos de Licenciatura do IFC no Contexto da Pandemia”, desenvolvido por professores vinculados ao Curso de Pedagogia e ao Mestrado Acadêmico em Educação do Instituto Federal Catarinense (IFC) - *Campus* Camboriú. O objetivo elencando para esta produção foi analisar as percepções dos professores e estudantes do curso de Pedagogia do IFC - *Campus* Camboriú acerca dos impactos da pandemia do Covid19 sobre o trabalho docente e nos processos formativos e educativos. A pesquisa constitui-se como de abordagem qualitativa e para o levantamento dos dados foram utilizados questionários destinados a professores e estudantes. As análises das respostas permitiram afirmar que houve intensificação e extensão da carga de trabalho dos professores, além de adoecimento, causadas pela necessidade de reinvenção das práticas pedagógicas para ensinar e a perda do convívio social com os pares e com os estudantes. Quanto aos estudantes, a condição de aprendizagem ficou extremamente prejudicada, impactando na diminuição da qualidade do desempenho.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia IFC-Camboriú, Processos Formativos e Educativos. Pandemia.

ABSTRACT

This text includes an excerpt from the Research Project "Training and Educational Processes in IFC Licentiate Courses in the Context of the Pandemic", developed by professors linked to the Pedagogy Course and Academic Master's Degree in Education at Instituto Federal Catarinense (IFC) - *Campus* Camboriú . The objective of this research was to analyze the

perceptions of professors and students of the Pedagogy course at IFC - Campus Camboriú on the impacts of the Covid19 pandemic on teaching work and on training and educational processes. The constitution of the constitution is a qualitative approach and for data collection optional questionnaires were used for professors and students. The analysis of the responses allowed us to state that there was an intensification and extension of the workload of teachers, in addition to illness, caused by the need to reinvent pedagogical practices to use and the loss of social interaction with peers and students. As for the students, the learning condition was extremely impaired, impacting on the decrease in the quality of performance.

Keywords: IFC-Camboriú Pedagogy Course, Formative and Educational Processes and Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do Covid19 produziu inúmeras consequências para todas as dimensões da vida humana, exigindo de todos os seres humanos (re)aprendizagens para sobrevivermos ao novo contexto, inicialmente caracterizado como 'novo normal'. Esse momento histórico trouxe "um novo conjunto de ideias começou a ser difundido por diferentes organizações sociais, auxiliando as frações dominantes a 'naturalizar' a visão de que estamos diante de um 'novo normal' e de uma nova cultura do trabalho, que supostamente alia o aumento da produtividade com a diminuição do tempo de trabalho (SILVA; VIEIRA, 2021, p. 249).

Vale lembrar ainda que, "[...] essa ideologia do 'novo normal' chegou à educação brasileira a partir das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o fechamento das escolas" (Idem, p. 251). Logo, propagaram-se estratégias para lidar com o 'novo normal' no âmbito da educação com "[...] a adoção do ensino remoto para amenizar os efeitos da pandemia sobre os estudantes, [...] inspiradas nas orientações dos organismos internacionais que historicamente dirigem a política educacional nos países capitalistas periféricos" (Ibdem, p. 251). É preciso destacar que "[...] de fato, as medidas emergenciais adotadas são úteis para minimizar o impacto no sistema de educação", mas, decorridos quase dois anos sob a pandemia do Covid19, precisamos pautar os desafios impostos por ela no que diz respeito aos processos formativos e educativos.

Nunca é demais lembrar que as condições de ensino e aprendizagem às quais professores e estudantes de todos os níveis e etapas da educação, inclusive a superior, impactaram e continuam impactando a formação de professores, imprimindo-lhes novos modos de ser e estar professor e de ser e estar estudantes. De acordo com Lago et al. (2021, p. 393) "[...] inúmeros desafios [...] relacionados à preparação inadequada das universidades [...]", especialmente no que diz respeito à

[...] transposição didática [dos conteúdos e práticas pedagógicas realizadas de modo presencial para on-line/remoto] implica que o professor seja capaz de fazer as transformações necessárias ao processo de ensino e aprendizagem, quer seja dos recursos a serem utilizados, quer seja do próprio saber (MONTEIRO, 2020, p. 244).

Tendo presente esta problemática, neste texto temos como propósito analisar as percepções dos professores e estudantes do curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú acerca dos impactos da pandemia do Covid19 sobre o trabalho docente e nos processos formativos e educativos. Para alcançar tal propósito, organizamos a escrita em três seções. São elas: aspectos metodológicos; discussão dos resultados e conclusões.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Neste texto apresentamos um recorte do Projeto de Pesquisa intitulado “Processos Formativos e Educativos nos Cursos de licenciatura do IFC no contexto da Pandemia”, que vem sendo desenvolvido por professores vinculados ao Curso de Licenciatura em Pedagogia e ao Mestrado Acadêmico em Educação do Instituto Federal Catarinense (IFC) - *Campus Camboriú*. Tal projeto possui como objetivo geral, analisar as percepções de estudantes e professores dos cursos de licenciatura do IFC quanto aos processos formativos e educativos desenvolvidos no contexto da pandemia. Nesta pesquisa foram previstas duas etapas de coleta de dados: a primeira, já encerrada, refere-se ao período de pandemia, e a segunda, com coleta de dados prevista para o período pós-pandêmico com o retorno das atividades presenciais.

A opção metodológica pauta-se na abordagem qualitativa (STAKE, 2011), partindo da compreensão de que apreendemos os processos formativos a partir do ambiente no qual os fatos ocorrem, neste caso específico, no contexto de pandemia e suas interferências nos processos de ensinar e aprender. Para tanto, as percepções dos participantes são fundamentais para compreender as situações vivenciadas densamente descritas no contexto da presente pesquisa.

A partir de tal concepção, os dados que analisamos neste texto, abrangem professores e estudantes dos cursos de licenciatura do IFC (Pedagogia, Matemática, Química, Física, Ciência Agrícolas e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em

Educação, ofertados nos *Campi* de Camboriú, Rio do Sul, Concórdia, Araquari, Sombrio, Blumenau, Abelardo Luz e Videira. Como instrumento de coleta de dados, optamos pela utilização de questionário semiestruturado, organizado a partir de dois formulários na Plataforma *Google Forms*, dirigidos aos professores e aos estudantes dos referidos cursos. Os links para responder aos questionários foram enviados para os e-mails dos estudantes e professores dos cursos de licenciatura do IFC e estiveram disponíveis para resposta no período compreendido entre 22/02/2021 e 01/11/2021.

No processo de tabulação dos dados, foram computadas 177 participações de estudantes e 75 participações de professores, envolvendo todos os *Campi* e cursos mencionados. Conforme anunciado anteriormente, neste texto restringimos nossa análise às respostas de 63 participantes, sendo 10 professores e 53 estudantes do Curso de Pedagogia do IFC - *Campus* Camboriú, por ser o curso com maior adesão dos sujeitos da pesquisa. As análises estão fundamentadas na perspectiva analítica interpretativa (STAKE, 2011) por entendermos que as respostas somente têm sentido quando interpretadas à luz do contexto vivido, mas também a partir de articulação entre as discussões teóricas e resultados das pesquisas recentes sobre este momento complexo de nossas vidas. Nesse caso, trata-se de problematizar e desconstruir este 'novo normal' ao qual estamos submetidos e que parece infundável, pois impacta sobremaneira as vidas e os modos de ser e estar professor e estudante, bem como nos processos de ensinar e aprender.

Após esta contextualização metodológica, na próxima seção passaremos a discutir os resultados obtidos a partir das respostas dos professores e estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia do *Campus* Camboriú, que constituem-se como matéria prima da pesquisa realizada, identificados por (P1), (P2), (Pn...) para professor e (E1), (E2), (En...) para estudante.

2.1. ASPECTOS ÉTICOS

A presente pesquisa é financiada pelo CNPq, contemplada por meio de edital público destinado a este fim. A mesma foi aprovada pelo Comitê de Ética do IFC, sob o parecer número CAAE 35784820.3.0000.8049.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta dos dados, considerando as respostas obtidas ao questionário, analisaremos primeiramente as respostas dos professores e, em seguida, dos estudantes, quanto aos impactos da pandemia do Covid19 sobre o trabalho docente e nos processos formativos e educativos no curso de Pedagogia do IFC *Campus* Camboriú. Para a discussão dos resultados utilizaremos os elementos mais recorrentes nas falas dos 63 participantes da pesquisa.

3.1. IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID19 SOBRE O TRABALHO DOCENTE E NOS PROCESSOS FORMATIVOS E EDUCATIVOS NO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFC-CAMPUS CAMBORIÚ SOB A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES

Um primeiro aspecto que consideramos importante destacar na análise é o perfil dos 10 professores participantes da pesquisa, que pode ser assim resumido: são oito mulheres e dois homens, com idades entre 34 e 60 anos, seis deles são casados (as); sete possuem filhos e destes, quatro têm filhos maiores de idade e três possuem filhos menores (há professores que possuem tanto filhos maiores de idade quanto filhos menores); oito possuem vínculo efetivo com o IFC, sendo sete destes com dedicação exclusiva (DE).

Quanto aos aspectos físicos, emocionais, sociais e familiares na relação com o trabalho, apenas dois dos dez professores respondentes sinalizaram que estão adaptados à nova rotina e se sentem bem. No entanto, para os outros oito professores participantes da pesquisa, o trabalho docente durante a pandemia produziu consequências bastante negativas, expressas recorrentemente por palavras como "esgotada", "desgastado", "exausta", "adoecida", "ansioso", "estressado", "excesso de trabalho" e "desvalorizada". A recorrência dessas palavras nas respostas dos professores sinaliza para a existência de processos de adoecimento que se aprofundaram quando o espaço da casa foi tomado pelo trabalho/estado (já que o *locus* da pesquisa é uma instituição pública de ensino básico e superior).

Esta situação não se restringe ao nosso estudo, mas se estende a outras pesquisas como a de Coelho et al. (2021, p. 22), que investigou 15 professores, sendo 12 mulheres e três homens, cujo objetivo foi "[...] relatar uma experiência de duas "Rodas de Conversa", desenvolvidas entre as ações de um projeto de extensão em andamento, com ênfase na

promoção de saúde mental do(a) professor durante a pandemia da Covid-19". Nessa investigação os autores identificaram que os professores se sentiam "ansiosos" e "desgastados", considerando que no trabalho remoto houve uma intensificação do trabalho docente, e além disso, passaram a sentir que precisariam ficar à disposição da escola e das famílias.

Nessa esteira de pensamento, Coelho et al. (2021, p. 22) afirma que “[...] o excesso de demandas criadas pela pandemia tem produzido sofrimento mental e emocional aos professores [sendo] comum sentimentos de raiva, angústia, exaustão”. Esse movimento de exaustão tem origem na exigência e urgência de reinvenção das práticas pedagógicas, trazendo inúmeros desafios e consequências aos professores, conforme aponta Souza et al. (2021):

Há que se considerar que essa reestruturação do trabalho docente, em circunstâncias de pandemia, aprofundou a intensificação e a precarização das condições de trabalho de professoras e professores. Na prática, a intensificação do trabalho constitui-se em uma forma de gestão e organização do trabalho, que impõe metas e extensão da jornada de trabalho (SOUZA et al, 2021, p. 5).

Corroborando com Souza et al. (2021), os professores do curso de Pedagogia do IFC indicaram que os maiores impactos no desenvolvimento das atividades laborais e pedagógicas desenvolvidas durante a pandemia, foram sentidos no tempo demasiado em frente às telas de computadores, sobrecarga de trabalho, atividades burocráticas e excesso de reuniões. Da mesma forma, no estudo realizado por Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p. 13), os professores foram e estão sendo submetidos à

[...] disponibilidade irrestrita” [ao] trabalho [que] vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp [além da] necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos.

Para além disso, a pesquisa realizada junto ao IFC revela que estão presentes as dificuldades relacionadas às adequações das metodologias para ensinar e “*perder o convívio social com os colegas de trabalho e estudantes*” (P9) levou a processos de fragilização da saúde. A esse respeito, Pascoalino (2021, p. 45) mostra que foi necessário desenvolver metodologias para que as aulas e atividades escolares ficassem mais atrativas, tendo em vista que na “[...] pandemia de Covid-19 as aulas e demais atividades escolares passaram do modo presencial para o remoto, facilitando a perda de foco dos alunos ao processo de

ensino e aprendizagem”. A pesquisadora compreende ainda que a educação como um todo precisou ser repensada e quase que reinventada em um curto período (PASCOALINO, 2021).

Outro aspecto relevante a ser mencionado refere-se ao desenvolvimento das atividades por meio do *home office* que transformou o espaço residencial em espaço de trabalho contínuo, onde nem sempre estão presentes as condições ideais relativas, por exemplo, aos espaços privativos para a realização das tarefas, conforme ilustram os depoimentos que seguem: *“Transformar o espaço da casa em ambiente de trabalho, compartilhado com a família. Ter um único espaço para trabalhar, descansar e conviver com família é extremamente desgaste física e emocionalmente (P9); Estamos trabalhando remotamente em três pessoas em casa, tem barulho de criança e a internet às vezes não ajuda. Também tem as demandas familiares e o espaço físico não é privado (P4).*

Considerando a problemática da articulação entre trabalho-família, a pesquisa de Coelho et al. (2021) sinalizou que os professores precisaram articular os cuidados com os filhos, idosos e as atividades domésticas com a preparação das aulas. Com efeito, é visível que a sobrecarga de trabalho docente e a "gerência da própria vida" é extremamente complexa e demanda dos trabalhadores da educação uma quarta ou quinta jornada de trabalho. Neste sentido,

[...] entre os principais desafios relatados, estão as dificuldades em conciliar as atividades de trabalho na relação com a família, pois no relato de alguns(as) docentes, há outros membros do núcleo familiar que se encontram em trabalho remoto, sendo difícil haver delimitação clara entre o espaço físico de trabalho, de descanso e de lazer em família (COELHO et al, 2021, p. 26).

No que se refere à atuação nas disciplinas que ministram remotamente, os professores do IFC participantes desta pesquisa, em sua maioria, consideram que têm razoável domínio quanto aos usos das tecnologias institucionalmente utilizadas para as aulas remotas. Por outro lado, consideram que *“foi necessário [uma reinvenção] em termos de meios e métodos de ensino-aprendizagem em um espaço de tempo muito curto” (P3)*, e, ainda, *“adaptar a quantidade de textos trabalhados, diversificar as atividades durante as aulas síncronas, redefinir algumas atividades avaliativas, mas ainda assim, é muito complexo manter o interesse e a participação dos acadêmicos no contexto do ensino remoto” (P3).*

Vale destacar que os professores do IFC participantes desta pesquisa atuam em um curso superior de Pedagogia na modalidade presencial, e que, assumir práticas pedagógicas inerentes a modelos formativos adotados por cursos ofertados na modalidade de Educação

a Distância constitui-se em situação atípica, diversa daquela para a qual se prepararam acadêmica e profissionalmente. Com a necessidade da oferta do ensino remoto, vale empreender esforços, como fez Souza et al. (2021, p. 5), para entender que estas vêm “[...] em substituição à educação presencial, ainda que temporária e com consequências inimagináveis, põe em questão suas diferenças com a educação à distância”.

Outro aspecto importante a ser mencionado é o fato de que, na percepção dos(as) professores(as), o desenvolvimento dos processos de pesquisa e extensão no contexto da Pandemia do Covid19, nos anos de 2020 e 2021, ficou prejudicado, em razão da “[...] impossibilidade de encontrar os sujeitos de pesquisa” (P1); “[...] sobrecarga de trabalho” (P4); “[...] inserção dos estudantes na pesquisa, in loco” (P7); “Ficaram fragilizadas e muitas não aconteceram” (P10). A contrapelo, outras percepções demonstraram que o desenvolvimento da pesquisa e extensão possibilitaram “ajustes” e “adaptações” no uso e aplicação de outras ferramentas de coleta de dados, incluindo questionários *on-line* e outras técnicas por meio de aplicativos da internet.

Importa destacar que no contexto da Pandemia o desenvolvimento da pesquisa e extensão foram fundamentais para que os processos formativos tivessem continuidade e permitissem aos estudantes a permanência no curso superior, mesmo considerando que esses processos exigiram por parte dos envolvidos neste processo (professores e estudantes), profundas modificações, especialmente no que se refere aos procedimentos metodológicos. Nesta esteira, consideramos que foi importante dar continuidade à pesquisa e extensão, assumidas pela instituição como processo formativo e educativo, durante o contexto pandêmico. Esse movimento de trabalhar com a investigação científica, que contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo, autoria, autonomia formativa e construção do conhecimento (DEMO, 2005), permitiu, inclusive, ações institucionais para identificação dos aspectos relacionados ao contexto da pandemia (e todos os elementos que os cerca) e possíveis ações diante do novo cenário. Acerca desta questão, Moura (2020, p. 56-57) ao analisar especialmente a função da extensão compreende que:

Em tempos de pandemia, toda a sociedade está vulnerável e assim, a extensão universitária pode envolver diferentes segmentos como crianças, jovens, adultos e idosos, bem como trabalhar com temas ligados à educação, saúde, direitos humanos, pessoas com deficiência, violência, abandono, afrodescendentes, índios, entre outros. A escolha de público e temática relaciona-se com as prioridades identificadas por grupos sociais.

Interessou-nos, também, compreender como aconteceram os processos de aprendizagem dos estudantes no contexto da pandemia. A esse respeito, a maior parte dos professores sinaliza que a aprendizagem foi prejudicada, já que o ensino remoto trouxe *“prejuízo no desempenho dos estudantes”* (P4). Foram apontadas, nas perspectivas dos professores, algumas situações que se constituem como determinantes para o acúmulo de tais prejuízos como *“falta de espaço adequado para estudo, dinâmicas familiares que absorvem o tempo destinado ao estudo, limitação da interação em razão da capacidade de concentração estar diminuída, entre outros”* (P4).

Os professores assinalaram também que os estudantes estariam em processo de *“adaptação ao formato”* (P6) do ensino remoto. Neste sentido, pode-se inferir que, no que tange à aprendizagem dos estudantes, seus desempenhos acadêmicos têm resultado na fragilização dos processos formativos. São indicativos desta fragilização a baixa adesão, seja pela infrequência ou pela situação de passividade dos estudantes nas aulas remotas e a entrega tardia ou a fragilidade conceitual presente nas atividades desenvolvidas pelos estudantes, conforme observamos em depoimentos de professores como: *“muitos ingressam na sala mas não abrem as câmeras, não escrevem no chat e não falam durante a aula”* (P5); *“estão prejudicadas quanto à qualidade das produções”* (P4); *“[...] na Licenciatura em Pedagogia há muitos alunos que não entregam as atividades, mesmo tendo a oportunidade de entregar após o prazo estabelecido, o que implica em reprovação”* (P5).

Os dados coletados sinalizam ainda para uma recorrente preocupação e problematização por parte dos professores sobre o fato da maioria dos estudantes não deixarem suas câmeras ativadas nos momentos das aulas síncronas ou, ainda, não entrarem em diálogo com o grupo via áudio. O não-movimento ou não-participação dos estudantes, mantendo câmeras e microfones desligados, sendo possível a visualização apenas de suas fotos de perfis ou (nem isso) das iniciais de seus nomes tornou-se angustiante para os professores que sentem-se, muitas vezes, em um monólogo. A interação entre professor e estudante, ou ainda dos estudantes entre si, é fundamental para o desenvolvimento das aulas e, mais do que isso, para que seja possível desempenhar práticas educativo críticas (FREIRE, 1997), que partem do princípio de que a formação do professor precisa ser humanizada e humanizadora. A educação, em diferentes níveis e etapas, trata-se de socialização humanizada, que requer diálogo, problematização e elaboração do pensamento crítico e reflexivo como elementos constitutivos dos processos formativos e educativos.

Com a adoção do ensino remoto por parte das instituições de ensino superior, tivemos um movimento de transformação das moradias em local de trabalho, conforme já

sinalizamos. O estado invadiu o ambiente de descanso e convivência familiar. As fronteiras entre trabalho e demais atividades da vida cotidiana foram eliminadas, impondo diversos desafios à ação do professor. O processo de adaptação exigiu tempo e compreensão dos professores sobre várias situações que provocaram desconfortos e constrangimentos na sua prática profissional. Várias situações foram enfrentadas, tanto no que diz respeito ao atendimento das necessidades do próprio professor, quanto dos estudantes.

A esse respeito, P2 afirma que *“precisei interromper para atender minha filha que chorava muito pois estava no horário dela dormir e precisava da minha presença”*. A experiência apontada pela professora participante da pesquisa corrobora com o que Coelho et al. (2021, p. 21) diz acerca das condições de trabalho docente das mulheres professoras, uma vez que, “[...] surgiu a necessidade, sobretudo entre as mulheres, em conciliar o trabalho remoto, doméstico e em vários casos os cuidados dos(as) filhos(as) e/ou de seus pais idosos”.

Além disso, em se tratando dos estudantes, os professores relatam, que *“familiares se colocam ao lado dos estudantes para ouvir a aula”* (P4) e, que há momento em que presenciavam *“alunos se alimentando com as câmeras abertas, ou fazendo outras atividades e pessoas conversando ou passando na área captada pela câmera”* (P5) ou, ainda, *“alunos muitas vezes sem camiseta, ou com tela de fundo com motivos políticos ou violentos no contexto das aulas”* (P7). Com um período longo de atividades remotas, *“muitos foram os fatos, desde cômicos e desastrosos [...] até fatos desrespeitos, como no caso de alunos entrarem em aula não estando matriculados na disciplina e interferir na aula com colocações desrespeitosas e grosseiras* (P9).

As falas dos professores revelam que existiu uma dificuldade dos estudantes em reconhecerem os momentos das aulas remotas síncronas como espaço-tempo formativo. Isto porque, os processos formativos e educativos foram atravessados pelas condições concretas dos estudantes, como compartilhamento da casa (quase sempre espaços pequenos) com familiares, falta de um ambiente onde o estudante pudesse estar sozinho durante a aula, além de divisão da sua atenção entre as discussões ocorridas em aula com as pessoas que estão circulando em casa ou no trabalho.

Considerando a complexidade dos fatores que envolvem o trabalho docente no contexto da pandemia no Curso de Pedagogia do IFC - *Campus* Camboriú, pode-se afirmar que estes foram impelidos à reinvenção das suas práticas pedagógicas. Este movimento, aliado às preocupações com a crise sanitária, econômica e política do país, e em especial com os processos formativos dos futuros professores causaram o adoecimento, aumentando

os níveis de ansiedade, estresse e exaustão. Além disso, houve a intensificação e extensão do trabalho em compartilhamento com outras demandas existentes, advindas de suas realidades pessoais e familiares.

As práticas de pesquisa e extensão foram desenvolvidas e permitiram a continuidade e permanência dos estudantes vinculados aos projetos institucionais, mesmo com as limitações e adequações necessárias dos aspectos teórico-metodológicos. Essa postura ética e político-formativa possibilitou permanecer compreendendo e desenvolvendo os processos formativos a partir do ensino com pesquisa, adotado de maneira transversal no currículo do Curso. Estes e outros aspectos são abordados também a partir da perspectiva dos estudantes, conforme sinalizamos na próxima seção.

3.2. IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID19 SOBRE O TRABALHO DOCENTE E NOS PROCESSOS FORMATIVOS E EDUCATIVOS NO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFC-CAMPUS CAMBORIÚ SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Quanto à amostra, dos 53 estudantes que fazem parte do recorte desta pesquisa, 51 do sexo feminino e dois masculinos. Referente a identidade de gênero, 49 afirmaram ser do gênero feminino, três do masculino e um não binário. A idade dos estudantes varia entre 18 e 65 anos e as respostas sobre o estado civil informam que 21 são solteiros, 18 casados, nove estão divorciados e cinco em união estável. Ao serem questionados sobre o número de filhos, 31 possuem filhos e 22 não possuem. No entanto, dos 31 que possuem filhos, 23 têm filhos menores de idade (alguns estudantes possuem mais de um filho e para contabilizar os números utilizamos a idade do mais novo. Mas ao analisar as respostas constatamos que alguns estudantes possuem tanto filhos menores de idade, como também maiores de idade). Dos filhos que estudam, sete estão na Educação Infantil, sete nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quatro nos Anos Finais do Ensino Fundamental e quatro no Ensino Médio.

Sobre a situação de trabalho, 28 afirmaram ser trabalhadores remunerados, enquanto 14 afirmaram não trabalhar remuneradamente; 10 estão vinculados a estágio/bolsa e um respondeu que nunca trabalhou. Nos casos de estágio/bolsa, ao especificar a área, afirmaram participar de algumas atividades como por exemplo: quatro participam do Programa de Residência Pedagógica (PRP-IFC), cinco fazem estágio na área pedagógica, um participa de Monitoria de Inclusão, um atua no Programa de Educação Tutorial (PET), um faz estágio na Coordenação Geral de Ensino Técnico (CGET-IFC), dois são bolsistas de pesquisa e um atua no Programa de Auxílios Estudantis (PAE).

A renda dos estudantes trabalhadores está dividida entre 12 assalariados, 11 estagiários, nove Servidores Públicos, quatro autônomos, um possui negócio familiar e um é empregado doméstico. A carga horária semanal de nove trabalhadores é de 40h semanais, seis trabalham 30h, cinco trabalham 20h e para os outros participantes a carga horária semanal varia entre 25 e 52 horas.

Em se tratando dos aparelhos de tecnologia para utilização nas aulas remotas, 26 estudantes responderam notebook/celular, 16 utilizam apenas notebook, seis apenas celular e cinco notebooks/celulares/desktops ou tablet. Sobre a exclusividade do aparelho para as aulas remotas, 30 responderam que o aparelho é próprio/exclusivo e 23 compartilham o equipamento com familiar/es. Quanto a possuir ou não assinatura de internet, 47 estudantes responderam que dispõem desse recurso e seis que não possuem. Vale mencionar que o IFC, como uma das estratégias para mitigar os impactos negativos da pandemia do Covid19 sobre os processos educativos e formativos, lançou vários editais no decorrer desses quase dois anos de pandemia destinando recursos para a inclusão digital.

As plataformas utilizadas pelos professores das disciplinas que os estudantes cursam para o desenvolvimento das atividades são: *Google Meet*, *Google Classroom*, SIGAA (Sistema de Gestão Acadêmica oficial do IFC), *WhatsApp*, *E-mail* e *Zoom*. Na percepção da maior parte dos estudantes (51 deles), tais plataformas são adequadas. Quanto ao uso dos recursos tecnológicos adotados, 22 consideram ter um bom domínio, 21 possuem domínio razoável e 10 pouco domínio das ferramentas.

Em contexto considerado 'normal', os processos educativos são, em diferentes níveis, excludentes. Sobretudo, porque atendem a lógica de reprodução das estruturas sociais. Preocupa-nos, neste caso, os processos de in/exclusão (LOPES; FABRIS, 2017) dos estudantes durante a pandemia e, para travar o diálogo a esse respeito, foi perguntado se estes sentiram-se incluídos quanto aos processos educativos, de maneira mais ampla, e nas atividades remotas. Em um primeiro olhar para as respostas, é possível afirmar que sim, já que esta foi a resposta de 49 participantes; apenas quatro responderam que não. Entretanto, nas pesquisas na área das ciências humanas e sociais não é possível compreender os fenômenos em profundidade sem investigar os elementos que justificam as percepções dos participantes. Ao direcionarmos a atenção para as justificativas que atravessam as falas, percebemos que a maior parte dos respondentes atribuem o sentimento de estar incluído a dois fatores principais: acesso a recursos materiais; organização das aulas (síncronas e assíncronas) e demais atividades acadêmicas.

As condições materiais apresentadas passam pelo acesso aos equipamentos (computador, celular, *tablet*) e recursos (internet e espaço físico) necessários para o desenvolvimento das atividades propostas. Alguns acessaram tais recursos por condições próprias e outros tiveram ajuda direta do IFC, com o recebimento de auxílio digital para custear a internet ou o empréstimo de equipamentos como *tablet* e computador. O depoimento de E8 ilustra esta questão: “*porque possuo equipamento e com a ajuda para Internet do IFC, consegui o wifi*”.

Os processos de in/exclusão dos estudantes vão além dos recursos materiais, passando pelas ações pedagógicas desenvolvidas. O fato dos professores do Curso de Pedagogia terem estabelecido uma rotina de aulas síncronas (em docência compartilhada em alguns casos ou estabelecendo relações interdisciplinares, com a participação de convidados externos ao Curso e à instituição) combinadas com atividades assíncronas (leituras, fichamentos, produções de textos com diferentes características, *podcasts*, entre outras), possibilitou que houvesse uma diminuição das chances de distanciamento total dos estudantes com relação ao exercício de ser e estar estudante da educação superior.

Guizzo, Marcello e Muller (2020, p. 1) ao analisar a vida de estudante durante a pandemia, reafirma sua condição de isolamento social mostrando que: “[...] nesse processo de ‘ficar em casa’ os estudantes percebem queda na produtividade, alterações de humor e sentimentos de angústia e ansiedade. A satisfação com a vida hoje é menor quando comparada a do período anterior a pandemia”. A pesquisadora ainda complementa ao argumentar que:

Este cenário pode trazer para a vida do estudante mudanças significativas, tanto do ponto de vista econômico quanto nos aspectos social e emocional, já que o equilíbrio das pessoas e até mesmo da sociedade como um todo pode ser afetado por situações emergenciais como esta, que deixam no seu lastro perdas humanas, materiais e mudanças situacionais extremamente traumáticas (GUIZZO; MARCELLO; MULLER, 2020, p. 3).

Já para aqueles que destacam não sentirem-se incluídos ou que enfrentaram algum tipo de problema/dificuldade, os fatores determinantes relacionam-se essencialmente: aos processos formativos terem migrado do presencial para o *on-line/remoto*; à falta de acesso a recursos materiais, causando, assim, a ampliação das dificuldades em compreender os conteúdos dos diferentes componentes curriculares, além de limitações quanto às interrelações com professores e colegas. Tais resultados dialogam com o que ressaltam Silva, Goulart e Cabral (2021, p. 418), apontando que “[...] quanto à compreensão do

conteúdo, remonta a uma percepção em relação a autonomia de estudo, o que requer dos estudantes um conhecimento do processo de autoaprendizagem”.

Estarem inseridos nos processos formativos sem desenvolverem sentimento de pertencimento, leva os estudantes à inclusão marginal ou a serem “excluídos do interior” (BOURDIEU, 1998). Situação esta revelada na fala de E2, quando diz: *“não consegui acompanhar o ano de 2020. Fui mandada embora da Prefeitura por causa da pandemia. Fiquei sem dinheiro, sem net [internet], sem condições psicológicas, doente. Não tenho computador”*. Complementarmente, está colocada, também, a ampliação e aprofundamento das dificuldades, pois *“apesar que parcialmente, já tinha dificuldades nas aulas presenciais, sozinha então piorou, mesmo com o empenho dos professores em me auxiliar [...] (E43)*. Houve comprometimento no desempenho, mesmo em casos de estudantes que relatam já ter internalizado, de certa forma, a cultura acadêmica, realidade inerente à E50: *“[...] eu sempre fui muito participativa, muito empenhada, dedicada, e me vejo falhando nisso na forma remota. E, por fim, me sinto muitas vezes frustrada [...]”*. Novamente Guizzo, Marcello e Muller (2020, p. 13) nos ajudam a compreender que:

A passagem abrupta de um estilo de vida com amplo deslocamento e convívio social nos campi e salas de aulas da universidade para uma situação de isolamento social e ampla mudança na rotina de estudos traz consigo também desafios emocionais, os quais interferem diretamente na satisfação com a vida.

A privacidade para realização das atividades *online*, determina as condições de participação. Boa parte dos respondentes (24) afirmam que possuem certa privacidade nos momentos em que estão conectados às atividades remotas. Ainda no que diz respeito à privacidade, para um número expressivo de estudantes esta privacidade é parcial (20) ou inexistente (9). Gravitaram em torno das respostas dos estudantes a questão do compartilhamento do espaço de suas casas com familiares e do cuidado/atenção necessária aos filhos. A maioria dos relatos traz a caracterização de suas casas como sendo pequenas e desprovidas de um espaço exclusivo destinado às atividades de estudo, como: *“Casa pequena, 5 pessoas convivem, quando estamos todos presentes a privacidade acaba um pouco (E6)”*; *“Minha filha pequena sempre vem ver o que estou fazendo e o meu esposo trabalha em casa com o not, ficamos lado a lado na cozinha todos conversam (E7)”*; *“Esse é o principal motivo de stress, pois não tenho um local que consiga o silêncio necessário para me concentrar, então acabo sempre me aborrecendo pedindo e às vezes implorando por respeito, consideração e silêncio principalmente quando tenho que apresentar algum*

trabalho (E8)”; No horário das aulas a família está em casa. Moro em apartamento, onde tem pouco espaço (E13)”; “Uso o notebook no meu quarto que é o da minha esposa também e geralmente ela chega do trabalho quando estou em aula (E44)”.

Conforme podemos observar nos relatos dos estudantes, assim como no caso dos professores que tiveram a sua condição de trabalho precarizada; verificamos que a condição de aprendizagem dos estudantes ficou extremamente prejudicada, o que pode ser um dos principais aspectos que impactaram e continuam impactando na diminuição da qualidade do desempenho, como apontaram os professores.

4. CONCLUSÃO

A pandemia causada pela covid-19 tem provocado situações sociais alarmantes, tanto no que diz respeito ao afastamento social, que tem deixado como “sequelas” a obrigatoriedade da “invenção de um novo normal”, e tem exigido processos adaptativos por parte de toda a sociedade, quanto aos contextos sociais e políticos brasileiros que têm contribuído para gerar incertezas no que diz respeito à superação desta condição. A sociedade de um modo geral, foi brutalmente atingida, particularmente os estudantes e professores que foram atravessados em suas rotinas, seja pelas alterações nas relações interpessoais, sendo condicionados a uma necessidade de distanciamento social para a continuidade das relações de ensino e aprendizagem ou pela reconfiguração dos processos educativos e formativos que impactaram e impactam sobre as condições de trabalho dos docentes e de aprendizagem dos estudantes.

Tais condições levaram tanto os professores, quanto os estudantes a (re)aprender processos formativos e educativos no curso de pedagogia do IFC *Campus* Camboriú. Deste modo, visando conhecer as condições de enfrentamento e a percepção dos professores e estudantes sobre as condições de trabalho e de aprendizagem, foi desenvolvido o projeto “Processos Formativos e Educativos nos Cursos de licenciatura do IFC no contexto da Pandemia”.

Na percepção dos professores, quanto aos aspectos físicos, emocionais, sociais e familiares, uma parcela mínima acena que está adaptada ao ‘novo normal’ exigido em sua profissão. Há também aqueles que exprimem uma condição de fragilidade ressaltando sua condição de esgotamento, exaustão e desgaste. Os maiores impactos mencionados estão

relacionados ao cumprimento de atividades laborais e pedagógicas em frente às telas de computadores por uma carga de tempo excessivamente extensa, a expansão dos turnos de trabalho, atividades burocráticas e excesso de reuniões. Ou seja, o trabalho “se apossou” da vida particular destes profissionais, assim como dos estudantes, obscurecendo o distanciamento necessário entre a casa (lazer, descanso, convívio familiar etc) e ambiente de trabalho.

Outros dois aspectos a serem anotados estão relacionados à necessidade de reinvenção das práticas pedagógicas para ensinar e a perda do convívio social com os pares e com os estudantes. Quanto ao primeiro, em sua maioria, os professores afirmam que possuem razoável domínio no que diz respeito ao trato com as ferramentas tecnológicas que foram institucionalizadas para o uso nas aulas remotas. Já a perda do convívio social causou impactos que levaram-nos ao adoecimento, sobretudo mental/psicoemocional.

Quanto aos impactos da pandemia do Covid19 sobre os estudantes, observamos a existência de processos de in/exclusão. Inclusão, no sentido de lhes ser oportunizado pela instituição o acesso à inclusão digital, aulas síncronas e assíncronas, prazos estendidos para entregas de trabalhos, alteração das metodologias, entre outros. Exclusão, no que diz respeito à redução das suas condições objetivas de dedicarem-se aos processos educativos e formativos considerando a alteração das suas rotinas, tempos e espaços de aprendizagem prejudicados pelas rotinas do trabalho e da família; o adoecimento resultante do próprio contexto socioeconômico e político em que estão inseridos.

5. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COELHO, E.; et al. Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. **Psi UNISC**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 2021.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 7ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUIZZO, B. S; MARCELLO, F. de A; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e238077, 2020.

LAGO, N. C.; et al. Ensino Remoto Emergencial: investigação dos fatores de aprendizado na educação superior. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. 2, p. 391-406, 2021.

- LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. **Inclusão & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MONTEIRO, S. S. (Re)inventar educação escolar no brasil em tempos da COVID-19. **Rev. Augustus**, v. 25, n. 51, p. 237-254, 2020.
- MOURA, M. E. S. Pandemia COVID-19: a extensão universitária pode contribuir. **Revista Práticas em Extensão**, v. 4, n. 1, p. 56-57, 2020.
- PASCOALINO, K. C. S. Metodologias ativas como facilitadoras do ensino remoto devido a pandemia de Covid-19. **Revista Estudos e Negócios Acadêmicos**, v. 1, n. 1, p. 45-56, 2021.
- SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. e2016289, 2020.
- SILVA, A. J. VIEIRA, N. O “novo normal” da covid-19 - Quando o emergencial se transforma em política educacional. **Revista Princípios**, n. 160, p. 246-272, 2020.
- SILVA, J.; GOULART, I. C. V.; CABRAL, G. R. Ensino remoto na educação superior: impactos na formação inicial docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 16, n. 2, p. 407-423, 2021.
- SOUZA, K. R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00309141, 2021.
- STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Tradução Carla Reis, Revisão Técnica: Nilda Jacks. Dados Eletrônicos: Porto Alegre: Penso, 2011.